

GUSTAVO BARROSO: UM ANTECESSOR DA PÓS-VERDADE?

Renato Alencar Dotta

Doutor e Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo – USP. É pesquisador associado do Grupo de Estudos do Integralismo e Outros Movimentos Nacionalistas (CNPq), na Universidade Federal Fluminense (GEINT-UFF), do Laboratório de Estudos e Pesquisas da Contemporaneidade, na Universidade Federal do ABC (LEPCON-UFABC), bem como é membro-fundador do GT História, Direita e Autoritarismo (ANPUH).

A obra que o leitor tem em mãos trata de um assunto incomodamente atual. Até há pouco mais de uma década atrás, ler as pesquisas – que já despontavam em uma quantidade considerável e não vista até então – sobre o integralismo, sobre seus líderes ou sobre o antissemitismo no Brasil, soava como algo, sim, necessário, embora muitas vezes no sentido de preencher uma lacuna, no conhecimento da História política e cultural brasileira, em sua vertente mais à direita. Esses fenômenos pareciam parte de um passado muito distante que, mesmo com alguns grupelhos que espocavam na internet já então, não iria mais voltar com nenhum vigor. Sem perceber, muitos de nós apostávamos, numa espécie de “fim da História”. Apesar de nossos inúmeros problemas sociais, políticos e econômicos, a democracia – pensávamos até o início da presente década – estava consolidada no Brasil. É claro que a direita poderia voltar eventualmente ao poder no plano federal, mas seria uma direita “civilizada” (de corte tucano), mesmo que de essência coronelística (como Sarney e Collor), mas que – gostávamos de pensar – nunca fariam críticas abertas ao regime democrático e suas conquistas.

Mesmo que não seja intenção declarada do autor, o leitor perceberá nessas páginas uma estranha atualidade. O que Cícero João da Costa pretende, e consegue, é nos despertar do agradável – ao mesmo tempo nocivo – torpor da nossa autoimagem como povo pacífico, alegre e, sobretudo, sem preconceitos. Já o título de seu primeiro capítulo é direto e nos dá um certo chacoalhão. Preocupado em nos demonstrar que o antissemitismo de Barroso não é um raio em céu azul, Cícero nos remete aos autores autóctones racistas e higienistas que, inspirados em uma literatura europeia, deixaram reflexões que influenciaram gerações de brasileiros, incluindo o tradutor local dos infames *Protocolos dos Sábios de Sião*.

Escritor brasileiro dos mais prolíficos – publicou dezenas de títulos – membro e presidente da Academia Brasileira de Letras, bem como fundador e presidente quase vitalício do Museu Histórico Nacional, Barroso foi bastante respeitado em vida, tido como um dos grandes conhecedores do Brasil. Após sua morte, em 1959, passou a ser alvo de um discreto silêncio. Poucas vezes suas obras foram republicadas. No meio cultural brasileiro, Barroso “sobreviveu” apenas em dois nichos: como escritor regional cearense e nos debates museológicos. Toda sua obra historiográfica e mesmo parte da obra ficcional foi colocada num

compreensível limbo – pelo menos no que tange à primeira. Barroso é hoje, sobretudo, inspiração de grupelhos de ultradireita, como a banda de rock “Confronto 72”, que compôs uma canção usando seu nome (o número cravado no nome da banda, aliás, faz referências às iniciais do líder integralista).

Contudo, a sinistra atualidade de Barroso a que me referi não é necessariamente de uma volta do antissemitismo como fenômeno político de importância. Felizmente, não chegamos a tanto (ainda?). Mas a atual ascensão de uma direita radical, que se utiliza de métodos repulsivos de calúnia e difamação de seus adversários políticos, cria bodes expiatórios e prega abertamente a violência para atingir seus fins, encontra ecos poderosos nos escritos do panfletário cearense. Barroso talvez possa ser considerado uma espécie de antecessor da chamada “pós-verdade”. Ao tratar do que chamava de “questão judaica”, o autor de *Sinagoga Paulista* manipulou informações, mentiu, e proclamou meias verdades, quando as páginas que escrevia expeliam crimes, violência e morte. Mesmo que sua única arma tenha sido sua máquina de escrever.

Ainda que esteticamente distantes do modelo político dos velhos camisas-verdes, é inevitável a comparação da atual ascensão da direita populista com outros modelos do passado. O ataque à razão e ao iluminismo, a demonização das esquerdas, o apontamento dos “culpados de sempre”, a apologia a uma certa moralidade torpe, voltaram com força total. Para entendermos melhor o atual momento, precisamos olhar o espelho do passado. E a imagem não é nada bonita.